

MINI-HISTÓRIAS, GESTOS E CORPOREIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NARRATIVAS ESTÉTICAS E PEDAGOGIAS DO PRESENTE

Cristiele Borges dos Santos Cardoso¹

Elaine Conte²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como as vivências corporais e pictográficas realizadas no Projeto Vivências Estéticas produzem mini-histórias e narrativas de si nas crianças, evidenciando modos de constituição de identidades, sentidos e aprendizagens no cotidiano escolar. Inspiradas pela Associação dos Pintores com a Boca e os Pés (APBP), as professoras instigaram as crianças a explorarem diferentes modos de pintar, desafiando padrões motores e estéticos convencionais. O processo foi documentado e analisado à luz das perspectivas da educação performativa, corporeidade e pedagogias da escuta, evidenciando a potência da infância como produtora de linguagens, poéticas e sentidos, celebrando as falas do corpo. A experiência investigativa na escola reafirma a interdependência das corporeidades e estéticas infantis da sensibilidade de crianças pequenas, produzindo deslocamentos nos modos de educar dos quais somos parte, restituindo e retroalimentando mini-histórias em reconhecimentos nos e dos encontros.

Palavras-chave: Corpos; Vivências; Crianças; Performances; Estéticas.

¹ Universidade La Salle (Unilasalle). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2756-9534> E-mail: cristieleborges2@hotmail.com

² Universidade La Salle (Unilasalle). Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-0204-0757> E-mail: elaineconte@yahoo.com.br



MINI-STORIES, GESTURES AND CORPOREALITIES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: AESTHETIC NARRATIVES

Abstract: The objective of this article is to analyze how the bodily and pictographic experiences carried out in the Aesthetic Experiences Project produce mini-stories and narratives of themselves in children, evidencing modes of constitution of identities, meanings and learning in school daily life. Inspired by the Painters with Mouth and Feet Association (APBP), the teachers encouraged children to explore different ways of painting, challenging conventional motor and aesthetic patterns. The process was documented and analyzed in light of the perspectives of performative education, corporeity and pedagogy of listening, highlighting the power of childhood as a producer of languages, poetics and senses, celebrating the body's speeches. The investigative experience in school reaffirms the interdependence of the corporealities and child aesthetics of young children's sensitivity, producing displacements in the modes of education of which we are part, restoring and retrofeeding ministories in recognitions in and of the encounters.

Keywords: Bodies; Experiences; Children; Performances; Aesthetics.

INTRODUÇÃO

Este estudo situa-se no campo da arte-educação, especialmente a partir de experimentações pictográficas nas quais o corpo e os gestos cotidianos das crianças tornam-se formas de linguagem. O interesse da pesquisa é compreender quais fatores influenciam a construção e a significação desses gestos e como, a partir da práxis educativa, emergem narrativas corporais que podem ser analisadas em diálogo com estudos contemporâneos da linguagem e da performatividade. A investigação também buscou identificar se diferentes comunidades de prática produzem gestos emblemáticos distintos para expressar significados semelhantes, evidenciando a dimensão cultural e contextual da linguagem corporal.

Este trabalho apresenta uma análise dos percursos desenvolvidos a partir de uma proposta pedagógica inserida no Projeto Institucional Vivências Estéticas, realizado em uma escola pública de Educação Infantil no município de Novo Hamburgo/RS³. O referido projeto tem como objetivo proporcionar experiências estéticas, artísticas e poéticas do corpo⁴, por meio de propostas abertas, ampliando o repertório expressivo e sensível das crianças.

A partir da ação provocadora de uma criança que utilizou a boca para pintar emergiu uma investigação sensível e coletiva sobre outras formas de expressão estética e corporal. Neste trabalho, compreendemos mini-histórias como registros narrativos breves, construídos a partir de imagens, falas e gestos do cotidiano escolar, que documentam experiências significativas das crianças e permitem interpretar processos de aprendizagem, identidade e interação. Em outras palavras, “as mini-histórias carregam marcas de diferentes ações performatizadas por imagens, apoiando as relações no círculo dos participantes, materializando formas de agir no mundo à autocompreensão das crianças” (Santos; Conte; Habowski, 2019, p. 1). Partimos do seguinte pressuposto:

As crianças encontram e entram em relação com as coisas e com o mundo, com o desejo e o prazer de conhecer, aprender e elaborar

³ O projeto Vivências Estéticas surge como possibilidade de proporcionar vivências artísticas, gráficas e corporais para os bebês e crianças bem pequenas. Tem o objetivo principal de organizar propostas potentes para exploração e investigação das crianças a partir da organização intencional de contextos que convidem os meninos e meninas a brincarem, experimentarem e testarem.

⁴ As poéticas infantis, por exemplo, são espelhos do brincar mediados por símbolos e significados, criando algo novo por *mimesis*, em novas possibilidades de atuar em relações sensíveis com o outro que permeiam o estar e o coexistir no mundo. Sobre essas experimentações e processos de criar-se dentro de uma cultura, podemos ver em *Educação, Corpo e Arte - Poéticas Infantis*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xL499GkHivM> e <https://www.youtube.com/watch?v=2ezPpLLGA5A> Acesso em: 7 jun. 2025.

significados originais e pessoais em diferentes realidades. Esse processo é permanente e incrementa as estruturas de comunicação, tanto dentro de si quanto em relação a diferentes linguagens (Bonaccini, 2023, p. 26).

A relação entre experiências de mini-histórias e o trabalho de produção pedagógica pode traduzir novas oportunidades de ação em metáforas vivas, porque permite problematizar desdobramentos das experimentações com mini-histórias frente às novas exigências do trabalho educativo, oferecendo perspectivas distintas sobre o assunto em questão. O debate aponta também para (1) o legado cultural das mini-histórias no relato em questão e o consequente reconhecimento pedagógico decorrente das estratégias implementadas com mini-histórias; (2) o potencial das mini-histórias como desafio educacional para coordenar práticas dialógicas com a comunidade e a criação de repertórios desde a Educação Infantil; e (3) as dificuldades investigativas envolvidas no trabalho de professoras em tornar as mini-histórias presentes nos contextos escolares, de urgências e pressões externas do mundo.

Cabe destacar que há iniciativas nesse campo das possibilidades expressivas e jogos dialógicos que envolvem a criança de corpo inteiro e reafirmam a necessidade de experiências educativas guiadas pelos corpos em outras perspectivas no cotidiano escolar (Conte; Cardoso, 2022). Conforme Arruda Rojas (2024, p. 8):

Ao representar brincadeiras que envolvem movimento e interação, elas [as crianças] mostram que percebem seus corpos não apenas como vetores passivos, mas como agentes ativos, capazes de agir, reagir e transformar o ambiente ao seu redor. Essa transformação é um indicativo da potencialidade da Educação Performativa

como uma abordagem pedagógica na Educação Infantil. As materialidades apresentadas reafirmam a necessidade de uma abordagem educacional que valorize e englobe a corporeidade como um componente central do processo de aprendizagem, o que corrobora com a premissa que defendemos nesta tese de que a Educação Performativa pode propiciar uma abordagem mais holística e integrada do desenvolvimento infantil. Desse modo, os resultados apresentados aludem à Educação Performativa como um conceito de educação que possibilita a aprendizagem com centralidade no corpo e propõe o desenvolvimento de forma integral, evidenciando sentidos de corpo livres, criativos e brincantes.

As propostas de intervenção alinhadas com a troca performativa como abertura ao outro e as práticas educativas tornam reconhecidas as gestualidades das crianças na dinâmica de interpretação das experiências vividas por elas na Educação Infantil, entendida como um espaço formativo de suas corporeidades (Conte, 2013). Segundo Betti e Silva (2018), a corporeidade refere-se à nossa existência enquanto seres materiais e imateriais, inseridos em um contexto ecológico e histórico, que ao mesmo tempo em que nos molda, é transformado por nossas ações e simbolizações - processo esse que produz e manifesta experiências da cultura⁵.

⁵ Cultura é compreendida aqui como um conjunto de práticas, sentidos e formas de interação construídas socialmente no cotidiano escolar, sendo continuamente produzida nas relações entre sujeitos, linguagens e experiências (Conte; Cardoso, 2022a). Assim, os processos culturais não são apenas contextos, mas modos de produção de significados nas práticas educativas e marcas enraizadas historicamente (Conte, 2016).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2010) orientam que as práticas pedagógicas sejam justificadas nas interações e na brincadeira, promovendo experiências corporais e sensoriais que respeitem os ritmos e desejos das crianças. Entretanto, preocupa-nos a limitação das vivências corporais nos espaços educativos, visto que os gestos são expressões da linguagem e brincamos com o próprio corpo - que é um gesto de expansão da consciência, dado seu impacto direto nos processos de ensino, aprendizagem e desenvolvimento da globalidade humana. Atividades que envolvem o corpo, o movimento e a ludicidade são essenciais para favorecer experimentações e descobertas junto com as crianças.

Em termos mais específicos, a trajetória aqui discutida teve início com a ação de uma criança do grupo da FE3, que durante uma sessão, desafiou seu corpo ao pintar de maneira inusitada, utilizando a boca. Esse momento gerou questionamentos na professora responsável, que passou a refletir sobre essa abordagem e decidiu investigar novas ideias para apresentar essa proposta ao restante da turma. Conversando com outra professora, surgiu a ideia de apresentar para as crianças como inspiração a Associação dos Pintores com a Boca e os Pés (APBP)⁶, refletindo também sobre a condição física e emocional dessas pessoas. O convite foi também estendido às crianças de outra turma FE3, pois ambas eram atendidas pela mesma professora. Ao longo das semanas seguintes, as crianças e educadoras acompanharam o desenvolvimento das narrativas, dos desafios e das reflexões geradas por essa primeira proposta, retroalimentando e ampliando as experiências vivenciadas.

⁶ A Associação dos Pintores com a Boca e os Pés - APBP - é uma organização internacional sem fins lucrativos fundada em 1957, com o objetivo de promover e apoiar o trabalho de artistas que pintam usando a boca ou os pés, devido a limitações físicas, como a falta de braços. A associação foi criada para dar visibilidade ao talento artístico dessas pessoas e proporcionar a elas uma plataforma para desenvolver e divulgar suas obras.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Ancorado pelos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e campos de experiência da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), especialmente os "Traço, sons cores e formas", e "Corpo, gesto e movimentos", que valorizam o humano, esta proposição se desenvolveu como um convite para explorar, brincar, conviver, conhecer-se, participar, expressar, a partir de experiências propostas pela professora e enriquecidas com as ideias trazidas pelas crianças. Tais movimentos culturais na escola servem para dar condições de possibilidade aos professores e crianças no cotidiano escolar de inspiração e provocação de novas estratégias, visto que ainda "observamos que há uma desvalorização dos profissionais que atuam na Educação Infantil, cuja percepção advém das próprias políticas públicas, as quais não exigem o ensino superior como titulação mínima para o exercício da docência" (Pugens; Conte; Habowski, 2019, p. 354).

Se a escrita é frequentemente considerada um dispositivo de constituição da identidade, os dados desta pesquisa indicam que as experiências corporais e pictográficas também operam como formas de inscrição simbólica do sujeito, produzindo narrativas de si por meio do gesto, da imagem e da ação. Embora diferentes conceitos dialoguem com o campo teórico e da práxis, este estudo mobiliza principalmente três eixos analíticos: (1) mini-histórias; (2) corporeidade; (3) identidade em construção nas narrativas infantis.

Quando se iniciou a ideia, alguns questionamentos acompanharam a professora: - Como será o envolvimento das crianças na proposta? - Será que vão aceitar desafiar-se? - Essa proposição está adequada para a idade das crianças? - Como serão os retornos das crianças? Estes e outros questionamentos fizeram parte da elaboração e do planejamento das propostas.

Algumas proposições aconteceram no ateliê, um espaço localizado na galeria da escola que acolhe esse projeto. Entendemos o espaço do ateliê, “como oportunidade cotidiana, como espaço para acolher e colocar em interação as linguagens poéticas; para pôr em discussão e em relação pontos de vista, saberes e competências subjetivas e em grupo” (Bonaccini, 2023, p. 14).

Diante disso, há pesquisas que vem sendo produzidas nas escolas em diferentes regiões do país e exterior⁷ (Children, 2021; Mestre, 2023), inclusive em trabalhos e relatos de pesquisadores brasileiros (Gontijo; Portugal; Ostetto, 2023). Dentre outras, discutimos:

[...] por meio da pesquisa-formação, o campo sensível do agir pedagógico, para contextualizar as práticas de mini-histórias na criação de registros éticos, estéticos e formativos. As mini-histórias se configuram como formas de fazer, ver, ser e narrar o cotidiano infantil, além de servir à documentação pedagógica, partindo da experiência sensível de aprender com as crianças. A construção de relações pedagógicas por meio de mini-histórias, a partir das referências e contradições em tempos de pandemia, fez emergir o desenvolvimento humano com valores e experiências próprias da cultura da infância. Os resultados da avaliação conjunta das propostas realçam o desconhecimento dessa forma de comunicação na Educação Infantil,

⁷ Iniciativas e pesquisas nesse campo, com atividades extensionistas e tendências de trabalho cooperado, também podem ser consultadas no Movimento da Escola Moderna (MEM), Universidade de Aveiro, disponível em: <https://www.escolamoderna.pt/> Acesso em: 17 jun. 2025.

conjugando o inédito viável. (Conte; Cardoso, 2022, p. 1).

Ao utilizarmos a abordagem hermenêutica, tendo por base os relatos de experiência no plano de trabalho cooperativo, entendemos que existe aí uma experiência filosófica de formação de conceitos, por meio das experiências, que constituem um movimento de (des)territorialização do pensamento na construção da identidade profissional e do fazer pedagógico (Freire, 1994). Conforme Abrahão (2025), a formação continuada precisa ser investigativa, reflexiva e orientada para a prática, evitando reduzir-se a protocolos burocráticos. Nesse sentido, experiências estéticas e lúdicas como as analisadas aqui podem integrar processos formativos permanentes, ampliando a compreensão docente sobre as linguagens da infância.

Em linhas gerais, de que forma oferecer uma experiência educativa transformadora por mini-histórias? Talvez a metáfora da memória cultural possa ser fértil no sentido de culminar em novas ressonâncias à comunidade escolar, revelando como conhecemos e aprendemos a construir mini-histórias, a partir de diferentes formas de linguagem, variações de gestos⁸ e narrativas multifacetadas, cujas observações geram várias analogias. As mini-histórias e os registros visuais podem ser compreendidos como mídias pedagógicas que documentam experiências e produzem narrativas de si, tanto das crianças quanto de professores(as). Nesse sentido, constituem práticas de uma pedagogia do presente, marcada pela escuta, pela documentação e pela reflexão sobre a experiência.

Paralelamente, a identidade não se manifesta, segundo Paul Ricoeur (1997), apenas como uma identidade pessoal, mas,

⁸ Estudo de caso sobre a complexidade dos gestos está disponível no vídeo: Estrangeiros Tentam Adivinhar o Significado de 7 Gestos Brasileiros, Vozes da Babel: <https://www.youtube.com/watch?v=zUxubuDkPw4> Acesso em: 17 jan. 2026.

sobretudo, como uma identidade narrativa e de conexão íntima e difusa entre o pessoal e a narratividade. Nas palavras do autor,

A história narrada diz o quem da ação. A identidade do quem é apenas, portanto, uma identidade narrativa. Sem o auxílio da narração a problemática da identidade pessoal está, com efeito, fadada a uma antinomia sem solução: ou se coloca um sujeito idêntico a si mesmo na diversidade de seus estados, ou se considera, na esteira Hume e Nietzsche, que esse idêntico é somente uma ilusão substancialista, cuja eliminação só se revela num puro diverso de cognições, de emoções e de volições. Desaparece o dilema se substituirmos a identidade compreendida no sentido de um mesmo (*idem*) pela identidade no sentido de um *ipse*; a diferença entre *idem* e *ipse* não é senão a diferença entre uma identidade substancial ou formal e a identidade narrativa. (Ricoeur, 1997, p. 425).

A construção do eu se dá pela escrita, cujo produto é o construto de sua identidade em movimento com as origens, tempos e memórias culturais. E no contexto histórico no qual este texto recorta, há ainda mais uma busca por conhecer a si em momentos de grande pressão, tanto pela perspectiva docente, quanto pelos discentes engajados em prosseguir. Ao estimular a (re) interpretação do passado, num exercício discursivo de pensá-lo sob a ótica do presente, reimaginamos novas escritas e a construção de novos olhares acerca do fato histórico.

Destacamos a metáfora do *barco no meio da enchente*, que simboliza um respiro, pois todo encontro formativo na escola é uma abertura para o (re)conhecimento. Uma possibilidade de

sair de si para se encontrar com as diferenças, em outras memórias e investigações de aprender juntos. Algo que está em outro ritmo para a qualificação profissional, para as artesanias da voz, do gesto e da construção de laços humanos. A escrita é comparada a um labirinto, um construto intrincado de possibilidades, em que o próprio caminhar se transforma em uma verdadeira aventura para novas descobertas. Esse percurso, repleto de cenários adversos, é resultado de escolhas, do processo de navegar por esse emaranhado labiríntico tão fascinante e complexo quanto a própria possibilidade de alcançar o destino – a produção de mini-história.

A mini-história narrada pelo professor diz o quem da ação, ou seja, traz memórias de ser visto no cotidiano escolar pelo olhar pedagógico, com risos e espantos, como fonte de emoção, desenvolvimento de aprendizagens evolutivas e novas leituras do mundo. Dessa forma, a identidade narrativa se manifesta dos encontros com o outro e do trabalho coletivo. Novamente, a construção do eu se dá pela escrita, cujo produto é o construto da própria identidade (Certeau, 2014). E no contexto histórico no qual este texto recorta, há ainda mais uma busca por conhecer a si em momentos de grande pressão, tanto pela perspectiva pedagógica, quanto pelas crianças e pais engajados ao cotidiano da Educação Infantil.

As mini-histórias estimulam a (re)interpretação dos acontecimentos na práxis escolar, num exercício discursivo de pensá-las sob a ótica do desenvolvimento humano e social no tempo presente. Esta perspectiva viva de escrita estaria sujeito à construção de novos olhares acerca do fato histórico. Paulo Freire (1996) vê a sala de aula como um espaço de emancipação, que desafia as desigualdades e trabalha incansavelmente para que seus educandos se tornem cidadãos críticos. A educação é a luz que ilumina o caminho para um futuro melhor, e os trabalhadores da educação são os seus guias nos sonhos de liberdade, cidadania e em utopias coletivas. O registro de aprendizagens por mini-histórias é uma forma de

estímulo ao desenvolvimento da atenção, da memória, da escrita, da fotografia, além de permitir aos professores analisarem suas práticas e refletirem sobre elas. Outra metáfora possível, seria a da memória, lembrando que a aprendizagem requer afeto, como um componente deste cenário de tantas versões de histórias, caminhos, muros, idas e vindas sem fim, numa espécie de zigue-zague permanente, de reinvenção por meio do trabalho pedagógico conjunto (Certeau, 2014).

Há que se observar, ainda, a constante linha invisível que conecta nossas memórias enquanto possibilidades de reconhecer o desenvolvimento do outro. A autoformação cooperada se inspira em Sérgio Niza (2008) e António Nóvoa (2022), referências da pedagogia portuguesa, dos últimos cinquenta anos. No processo educacional, registrar as memórias do cotidiano escolar é, de certa forma, mergulhar num universo multifacetado e potente da natureza humana. A linguagem cresce a comunicar por mini-histórias, no âmago da relação pedagógica com o conhecimento, na capacidade de iniciativa e colaboração que aproxima convivências. Precisamos reconhecer as mini-histórias enquanto formas de (re)invenção do mundo, se queremos construir uma dinâmica de mudança e inovação formativa, humanística e cocriadora de narrativas nas escolas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: TORNANDO VISÍVEL AS INTENCIONALIDADES EDUCATIVAS

A investigação surgiu em uma sessão organizada com pincéis, folha e tinta têmpera dentro do ateliê⁹. Nesta sessão¹⁰, Miguel da FE3B testa as possibilidades do seu corpo ao colocar o pincel na boca e tentar pintar. Ele chama a atenção da professora para sua ação e os colegas que lhe acompanham começam a imitar e ficar interessados, testando as múltiplas possibilidades da atuação.

Figura 1: Miguel pintando com a boca



Fonte: Acervo das autoras.

⁹ A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle (CAAE: 92174425.8.0000.5307). A divulgação das imagens foi autorizada pelos responsáveis legais das crianças.

¹⁰ “Sessão não é sinônimo de atividade. A ideia de sessão está voltada para um espaço de tempo em que um grupo de crianças está em atividade” (Fochi, 2015, p. 6).

Figura 2: Colega imitando Miguel na mesma sessão



Fonte: Acervo das autora

Posteriormente, refletindo sobre as ações das crianças a partir dos observáveis no relançamento projetual, a professora responsável pelo projeto tem a ideia de fazer essa proposição para os outros colegas e também para a outra turma de FE3 atendida pelo projeto. Essa professora começa a pesquisar como trazer o assunto para as crianças, a partir de vivências reais. Neste ano, neste projeto também havia outra professora responsável que atendia as turmas de FE0, FE1 e FE2. Trocando e partilhando saberes, esta segunda professora sugere que seja apresentado para as crianças a APBP, relatando que recebe cartões dessa associação. A professora do projeto da FE3 não conhecia esta associação e vai em busca então de entender e pensar junto em como apresentar esta para as crianças. Nesse movimento, podemos refletir sobre a importância de partilhar saberes dentro da instituição.

Cada lugar guarda a história pessoal e coletiva das pessoas que o vivem, que o encontram e que nele deixam uma marca. A Educação Infantil é, por natureza, um sistema aberto que se alimenta constantemente de oportunidades de discussão e conhecimento entre as várias partes que participam na definição da sua identidade. As identidades dos espaços pensados para as crianças expressam-se na busca constante de um diálogo entre sujeitos, objetos e relações, onde a troca de saberes e a circularidade das ações se fundem para dar forma a um projeto comum de crianças e adultos. (Bonaccini, 2023, p. 11).

Na primeira sessão, a professora conversa com as crianças, retomando a ideia do colega Miguel, que se orgulha em ter sua ideia valorizada. Na *smart board*¹¹, a professora convida as crianças para assistirem um pequeno vídeo que apresenta a APBP¹². Após, propõe um diálogo sobre as pessoas que viram no vídeo: pessoas que pintam com a boca e os pés, pois nasceram sem o movimento das mãos ou sofreram algum acidente.

A experiência vivenciada pelas crianças ao explorarem outras formas de pintar - com os pés, com a boca, com uma só mão - encontra ressonância na trajetória de artistas que transformaram a limitação física em expressão singular. Um

¹¹ *Smart Board* é um tipo de lousa digital interativa desenvolvida pela empresa Smart Technologies. Permite a interação direta com o conteúdo projetado por meio de toques na tela, sendo amplamente utilizada em contextos educacionais e corporativos. Sua funcionalidade integra recursos multimídia, softwares educativos e conexão com dispositivos digitais, favorecendo metodologias ativas de ensino e aprendizagem colaborativa.

¹² Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=l4Pm8HHjE5c&t=8> Acesso em: 7 jun. 2025.

exemplo emblemático é o de Frida Kahlo¹³, que começou a pintar após um grave acidente de ônibus em 1925. O trauma deixou-lhe múltiplas fraturas na coluna, na pélvis e nos membros, exigindo longos períodos de imobilização. Foi durante esse confinamento que, com a ajuda de um espelho e de um cavalete adaptado à cama, Frida iniciou seus primeiros autorretratos. A dor e o isolamento, vividos intensamente, tornaram-se matéria de sua arte. Sua produção passou a expressar não apenas o sofrimento físico, mas também inquietações identitárias, emocionais e existenciais. Nesse sentido, como as crianças que se desafiam ao pintar com o corpo em novas configurações, Kahlo também fez do corpo em crise uma linguagem, transformando limitação em possibilidade de criação cultural e dor em potência estética.

Ao trazer essa narrativa para o cotidiano da sala de aula, amplia-se a compreensão de que a arte não nasce apenas da técnica, mas mostra também a acessibilidade e a democratização do conhecimento, da valorização das diferenças, do diálogo intercultural, da escuta sensível ao próprio corpo, às suas possibilidades e às suas marcas. A infância, assim como a vida adulta, carrega suas formas de superação e invenção, revelando que a expressão estética pode ser também um gesto de resistência, de presença e de liberdade expressiva.

A crítica de Holm (2004) ao excesso de vigilância sobre as experiências corporais infantis converge com os princípios da pedagogia da infância, que defendem o protagonismo da criança e a valorização de suas formas próprias de expressão e descoberta. Ao destacar que as vivências seriam mais ricas se os professores se envolvessem nas experiências sensoriais e criativas junto às crianças, a autora reforça a importância de

¹³ *Google Arts & Culture* - O relacionamento de Frida Kahlo com o próprio corpo. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/VQUBSfueblivJQ?hl=pt-BR> Acesso em: 7 jun. 2025.

uma postura pedagógica aberta à escuta, à pesquisa, à experimentação e ao brincar compartilhado.

Essa perspectiva é corroborada pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que reconhece a criança como sujeito histórico e de direitos, e propõe que a Educação Infantil promova experiências que articulem saberes, corporeidade, sensibilidade, imaginação e ludicidade. Assim, garantir espaços para o livre movimento e para a expressão artística do corpo não é apenas uma questão metodológica, mas uma exigência ética, estética e pedagógica para o desenvolvimento integral na infância. As crianças demonstraram bastante curiosidade, contando histórias sobre seu cotidiano, pessoas que conhecem, que já viram, a avó que já usou cadeira de rodas, uma pessoa que viu no mercado... Algumas crianças relataram nunca ter visto ninguém com essa condição.

Figura 3: Pequeno grupo conhecendo a APBP através de vídeo



Fonte: Acervo das autoras

Nas sessões que seguiram as crianças foram convidadas a tentar pintar com os pés e as mãos, como haviam visto no vídeo. Logo, um menino questionou: *Será que consigo?* Outro disse: - *Nossa, vai ser muito divertido!* A seguir, algumas narrativas das primeiras sessões, retiradas do processo documental da professora: *As crianças mostraram grande interesse e testaram diferentes possibilidades de pintar, como usar uma mão só, a boca, um pé, dois pés... Algumas acharam a proposta difícil e não queriam continuar, enquanto outras se desafiaram até conseguir. Uma menina conseguiu pintar segurando um pincel em cada pé. Foi interessante presenciar os movimentos e as diferentes formas como as crianças se envolviam com naturalidade na proposta.* (Relatos extraídos da professora).

Elencamos, ainda, algumas falas das crianças durante as sessões: *Tá ficando maravilhoso! Olha nossa arte, profe! Arte é pintar! Isso parece difícil! Olha, eu consigo!* Abaixo, apresentamos imagens que foram mobilizadas e ilustram estes momentos retratados.

Figura 4: Menina pintando com os dois pés.



Fonte: Acervo das autoras

Figura 5: Joaquim pintando com a boca



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 6: Mariana pintando com a boca



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 7: Alice pintando com os pés



Fonte: Acervo das autoras.

Figura 8: Valentim pintando com os pés



Fonte: Acervo das autoras

Foi interessante verificar as diferentes formas que as crianças encontraram de pintar com as mãos e os pés e como tudo isso nos afetou e gerou experiências de criação das crianças. Joaquim colocou os dois braços para trás, buscando equilíbrio; uma menina desafiou-se a utilizar os dois pés, colocando um pincel em cada pé; Mariana também usou as mãos para equilibrar-se e sorriu satisfeita por conseguir; Alice sugeriu de buscar um banco e elevou bastante as pernas, enquanto Valentim preferiu colocar a folha no chão e usar o Hálux (popularmente chamado de dedão) para apoiar o pincel.

Essas ações e observações são possíveis devido à organização prévia do espaço pela professora, que disponibilizou as folhas nos cavaletes, pincéis de tamanhos diversos, tinta nos suportes, bancos, assim como folhas no chão na prancheta. As crianças não representam do nada, mas demandam uma intencionalidade e uma coordenação pedagógica para o trabalho coletivo na práxis. Pensar nos espaços, na negociabilidade dos materiais, como aponta Fochi (2019), é essencial na prática do trabalho pedagógico. “Quando o professor reflete sobre as qualidades dos materiais e oferece às crianças certas combinações de materiais, permite que os meninos e meninas negociem a relação entre os materiais e os explorem potencialmente” (Fochi, 2019, p. 284), assim como prefigurar as ações que as crianças podem vir a fazer, auxiliam muito no planejamento das propostas.

A crítica de Holm (2004) ao excesso de vigilância sobre as experiências corporais infantis, por exemplo, converge com os princípios da pedagogia da infância, que defendem o protagonismo da criança e a valorização de suas formas próprias de expressão e descoberta. Ao destacar que as vivências seriam mais ricas se os professores se envolvessem nas experiências sensoriais e criativas junto às crianças, a autora reforça a importância de uma postura pedagógica aberta à escuta, à experimentação e ao brincar compartilhado.

Essa perspectiva é corroborada pela Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que reconhece a criança como sujeito histórico e de direitos, e propõe que a Educação Infantil promova experiências que articulem saberes, corporeidade, sensibilidade, imaginação e ludicidade. Assim, garantir espaços para o livre movimento e para a expressão artística do corpo não é apenas uma questão metodológica, mas uma exigência ética, estética e pedagógica para o desenvolvimento integral na infância.

Ao registrar as crianças desafiando seus corpos para pintar com os pés, com a boca, com equilíbrio e riso, foi inevitável lembrar de artistas que encontraram na limitação uma forma de liberdade. Como Frida Kahlo, que transformou sua dor em cor, essas crianças também nos mostram que o corpo, mesmo limitado, é linguagem pulsante e viva. Mas há algo de Manoel de Barros (2010) ainda presente nessas cenas. Há uma infância das palavras e uma poesia dos gestos mínimos, que como um fluxo d'água retorna às origens, desarruma a linguagem para aproximar-se de gestos e apostas de um futuro da educação, com brilho no olho. Ao se debruçar sobre a infância e a natureza, Barros nos ensina que há grandeza no que é pequeno, que há divindade nos galhos, nos sapos e nas pedras. Assim também as crianças reinventam o corpo e a tinta: com os pés, com os erros, com o encantamento das coisas que não precisam de sentido, mas de presença performativa. Como escreveu André Neves (2006), na voz de Dona Sofia, por intuição, *para os grandes, as palavras pesam. Para as crianças, voam*¹⁴. E talvez essa leveza seja o que inspira e sustenta os voos comunicativos que vimos nas sessões vivenciadas: corpos que se desobedecem com alegria, que se refazem com tintas, que desaprendem para experimentar e se entreter com o outro em transformação na vida cotidiana da escola.

¹⁴ Trechos da obra em: <https://literaturadecafe.wordpress.com/2020/10/09/a-caligrafia-de-dona-sofia-andre-neves/> Acesso em: 7 jun. 2025.

Nessa direção, a arte e a infância tornam-se repertórios performativos não por encenar um roteiro pronto, mas por abrirem-se ao risco, à escuta e ao inacabado, como nos alerta Conte (2013) ao refletir sobre as aporias da performance na educação. A proposta vivida foi, assim, menos uma oficina e mais um campo de emergência de existências: onde o gesto é pensamento, e a experiência é estética porque toca, como a água toca a pedra sem feri-la, mas transformando-a com o tempo de convivências.

DIÁLOGOS FINAIS

As mini-histórias analisadas evidenciam que as vivências estéticas e corporais funcionam como dispositivos narrativos por meio dos quais as crianças produzem sentidos, constroem identidades e participam de processos culturais no cotidiano escolar. A experiência apresentada evidencia que a ação do corpo e os sentidos produzidos a partir das vivências das crianças revelam outras possibilidades de sensibilidade, não apenas estética, mas também relacional e coletiva. No cotidiano escolar, assim como as palavras, os gestos integram as mensagens verbais e emocionais das crianças. Os elementos gestuais favorecem a interação, contribuem para a compreensão das situações escolares e apoiam a organização das narrativas infantis, permitindo expressar pensamentos, emoções e necessidades comunicativas.

Trabalhar com crianças pequenas é um mundo de possibilidades e encantamento. Estar disposto a ouvi-las é um desafio. Porque escutar não envolve apenas o sentido da audição, mas todos os sentidos, visto que para escutar crianças é necessário observar, analisar, olhar, vislumbrar, amar e deixar-se ser tocado pelas minúcias do cotidiano. A experiência relatada revela que a escuta das infâncias, quando articulada à sensibilidade docente e à potência estética dos corpos em movimento, permite instaurar outros modos de

aprender e conviver na escola. As práticas aqui documentadas apontam para uma pedagogia da presença e da experimentação, onde o erro, o riso e o desequilíbrio são também fontes legítimas de saber em gestos para novas dinâmicas potentes e compartilhadas à paixão de conhecer o mundo. Nesse sentido, a estética deixa de ser ornamento para tornar-se epistemologia da infância, produtora de poéticas do corpo e da escuta na Educação Infantil.

O espaço do ateliê assim como outros espaços habitado em algumas sessões, foram promotores de possibilidades de múltiplas formas expressivas, amplificando um pensamento difuso que está ligado à pluralidade dos sujeitos envolvidos. O projeto que deu origem às experimentações chama-se Vivências Estéticas, como já mencionado. Nesse contexto, ao considerarmos o processo de sedução estética dos materiais e ambientes, podemos depreender que o conhecimento emerge justamente dessa interação. Esse processo favoreceu a comunicação com o outro e expandiu o prazer instintivo do ser humano em explorar e conhecer, especialmente nas crianças pequenas, para as quais a experimentação sensorial e corporal é uma inspiração a aprendizagens socioculturais.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memorial de formação construído mediante narrativas de si vivenciadas em processo formativo continuado de professores. **Revista Cocar**, Belém, n. 45, p. 1–16, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar> Acesso em: 17 jan. 2026.

ARRUDA ROJAS, Anne Caroline Pereira. **Entre Portas e Passagens: Educação Performativa e Corpo na Educação Infantil**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BETTI, Mauro; SILVA, Pierre N. Gomes da. **Corporeidade, Jogo e Linguagem: a Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2018.

BONACCINI, Sabrina (org). **Ateliê aberto**. São Paulo: Ateliê Centro de Pesquisa e Documentação Pedagógica, 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHILDREN, Reggio. **As cem linguagens em mini-histórias: contadas por professores e alunos de Reggio Emilia**. Escolas e creches da infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2021.

CONTE, Elaine. Notas sobre Teoria e Práxis. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 30, n. 60, p. 883–903, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v30n60a2016-p883a903> Acesso em: 11 fev. 2026.

CONTE, Elaine. Aporias da performance na educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, p. 81-99, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782013000100006> Acesso em: 7 jun. 2025.

CONTE, Elaine; CARDOSO Cristiele Borges dos Santos. Pesquisa-formação com mini-histórias na educação infantil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, e257250, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248257250por> Acesso em: 17 jun. 2025.

CONTE, Elaine; CARDOSO, Cristiele Borges dos Santos. **Experiências formativas com mini-histórias: pesquisas contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/experiencias-formativas/> Acesso em: 17 jun. 2025.

CONTE, Elaine. Pedagogia performativa en la cultura digital. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 27, e30350, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v27.2021.30350> Acesso em: 17 jan. 2026.

FOCHI, Paulo Sergio. Planejar para tornar visível a intenção educativa. **Revista Pátio Educação Infantil**, n. 45, p. 4-7, out./dez. 2015.

FOCHI, Paulo Sergio. **A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil - OBECI**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relatos de uma professora**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GONTIJO, Flávia Lamounier; PORTUGAL, Gabriela; OSTETTO, Luciana. A documentação pedagógica como estratégia metodológica: diálogo com experiências de Portugal e do Brasil. **Zero-A-Seis**, Florianópolis, v. 25, p. 548-570, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2023.e94207> Acesso em: 17 jun. 2025.

HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. **Pro-Posições**, v. 15, n. 1, p. 83-95, 2004. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643844> Acesso em: 7 jun. 2025.

MESTRE, Luís. **O professor investigador em comunidades de prática**. Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos, 2023.

NEVES, André. **A Caligrafia de Dona Sofia**. 13. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

NIZA, Sérgio. **Educar, ensinar: Perspectivas e práticas pedagógicas**. Lisboa: Porto Editora, 2008.

NÓVOA, António. **Escolas e Professores - Proteger, Transformar, Valorizar**. Com a colaboração de Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PUGENS, Natália de Borba; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. Pedagogia científica na educação infantil: pressupostos montessorianos. **Revista Intersaberes**, v. 13, n. 29, p. 354–368, 2019. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/137>. Acesso em: 17 jun. 2025.

RICOUER, Paul. **Autobiografia intelectual**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1997.

SANTOS, Cristiele Borges dos; CONTE, Elaine; HABOWSKI, Adilson Cristiano. Pedagogia das imagens na educação infantil: mini-histórias e a documentação pedagógica. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 10, p. 1-16, e-019042, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i.8127> Acesso em: 7 jun. 2025.

Recebido em 17 de junho de 2025.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2026.